

Empresários criticam índios e estrangeiros na Amazônia

Ricardo Miranda Filho

MANAUS — Com discursos mornos, a abertura do Primeiro Encontro de Empresários da Amazonia acabou marcada pelas divergências de tom dos próprios convidados ao analisarem a interferência estrangeira em assuntos relacionados à exploração do meio ambiente na região. Durante uma hora, o governador do Amazonas, Amazonino Mendes, o deputado Alysson Paulinelli (PFL-MG), presidente da Confederação Nacional da Agricultura, e o senador Albano Franco (PFL-SE), presidente da Confederação Nacional da Indústria, revezaram-se na tarefa de denunciar, em surrados apelos, uma campanha difamatória e uma "onda de desinformação" vinda dos países industrializados e envolvendo o Brasil.

Ao lado, desconfortável, o senador Roberto Campos (PDS-MT), outro convidado, não conteve o desabafo: "Essa gente tem o discurso do ressentimento". No final, todos se renderam a um coquetel regado a uísque, onde foram consumidos cerca de 2.400 canapés.

Durante toda a solenidade, os conferencistas insistiram em repetir em seus discursos que "a Amazônia não deixará de ser parte do Brasil" e que as queimadas da Amazônia não passavam de "exageros de jornalistas apressados e vorazes banqueiros internacionais". Em determinado momento de seu discurso, entusiasmado com uma platéia de cerca de 200 empresários, o deputado Alysson Paulinelli arrancou do senador Roberto Campos um indistigável sorriso irônico ao afirmar que os países europeus tentavam impor ao Brasil uma reforma agrária que não conseguiram realizar em seus próprios territórios. O deputado Albano Franco referiu-se, ainda, aos índios em seu discurso: "Não é possível, em nome dos índios, consagrar o atraso e criar um obstáculo à multiplicação da energia e avanço do desenvolvimento".

A cerimônia de abertura do encontro, se-

Roberto Campos arranca sorrisos

O discurso mais esperado no Primeiro Encontro dos Empresários da Amazônia, do senador Roberto Campos (PDS-MT), um dos poucos políticos convidados, foi também o único que conseguiu arrancar sorrisos da platéia de cerca de 200 empresários, normalmente, contida e séria. Citando provérbios latinos e usando muitas metáforas, Roberto Campos produziu algumas das mais sarcásticas pérolas do encontro:

"Há, hoje, três saídas para o Brasil: os aeroportos do Galeão e Viracopos e o neoliberalismo".

"Os quatro desastres ecológicos do Brasil são a reserva de mercado para a informática, o Plano Cruzado, a inflação e a nova Constituição".

"A Amazônia tem dois grandes inimigos: o ecologista que se transforma em ecomaniaco e o hiperacionalista doentio, que acha que há

guida por discursos burocráticos dos convidados, foi formal até nos trajes. As cadeiras vazias no grande auditório do Hotel Tropical, sede do evento, denunciavam o boicote dos representantes da Federação do Comércio e da Associação Comercial do Amazonas. O tom ecológico da solenidade foi dado por um enorme pano verde cobrindo as mesas e por buquês de flores estrategicamente armados sobre a mesa dos debatedores. As maiores gafes ficaram por conta do governador Amazonino Mendes, que trocou nomes — chamou Alysson Paulinelli de *Alves* Paulinelli, por exemplo — e aproveitou para reiterar a defesa da distribuição de motosserras, promessa da campanha interrompida, segundo ele, por pressões violentas do Banco Mundial. "A distribuição tomou conotação de coisa criminosa, de atitude de doido", definiu. E finalizou brincando com os empresários, muito sérios: "Essa reunião não é uma armadilha para incendiar a Amazônia", garantiu.

Desabafo — "Não acredito que a preocupação ecológica internacional deva ser interpretada como uma ameaça ou uma agressão à nossa soberania", desabafou Roberto Campos ao final da solenidade. O senador, que saiu da reunião sem entender por que o governador Amazonino Mendes garantiu ser um "leitor assíduo de seus livros", admitiu que há apenas desinformação geral, inclusive dentro do Brasil, sobre a real situação da Amazônia.

O senador Roberto Campos deixou a reunião convencido de que seus colegas de mesa tornaram-se adeptos de uma certa "teoria conspiratória". Mas tudo terminou em frente a fartas mesas de um coquetel promovido pela Associação dos Empresários da Amazônia. Foram consumidos em poucas horas alguns litros de uísque, gin e vodka, além de coquetéis diversos. Para acompanhar, foram servidos cerca de 2.400 canapés de 12 diferente qualidades, como anchovas com ovos e *rochefort*.

um plano sinistro de internacionalização da Amazônia" (referindo-se indiretamente aos discursos de Albano Franco e Alysson Paulinelli).

"O Brasil deixou de ser o paraíso das multinacionais. Hoje, a América Latina, se não é o inferno das multinacionais, pelo menos é o purgatório".

"Não temos o direito de sujar nossa casa só porque o vizinho sujou a dele primeiro" (sobre a preocupação internacional com a Amazônia).

"A integração da América Latina era uma coisa sexy há vinte anos. Atualmente não adianta mais nos integrarmos à América Latina, mas a países como os Estados Unidos e o Canadá".

"Há uma mudança de clima no mundo, mas não é por causa do efeito estufa. São os ventos do liberalismo".